

## **Retiro A Visão Budista da Vida e da Morte** **Lama Padma Samten**

CEBB Bacopari – 23/05/2021 - Manhã  
<https://youtu.be/doTHMQHhZWI>

Transcrição: Eloísa Koch  
Revisão: José Benetti, Mônica Kaseker (07/08/2022)

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.  
Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com)

### **O Bardo do ressurgimento**

Estamos na parte do bardo cármico do ressurgimento. Esta é a parte final do ensinamento de Dudjom Rinpoche. Ele está justamente se referindo à parte anterior que é o momento no qual a consciência abandona o corpo, logo surgem as visões da realidade última, as visões pacíficas e iradas aparecem, as visões ocorrem, o medo surge e as visões, então, desaparecem. Nesse ponto há esse apagamento e a consciência deixa de operar a partir da experiência do próprio corpo, ou seja, o corpo deixa de produzir as experiências que a mente passa a ver, assim, o corpo perde totalmente a vitalidade, ele desaparece. E a última parte do corpo que emitiu algum sinal é o lugar onde a consciência se conecta. Nesse sentido, se diz que quando a consciência deixa o corpo saindo pela abertura correspondente a essa experiência.

Tem um pé de página que diz: *a consciência deixa o corpo no ponto simbolicamente correspondente ao âmbito samsárico no qual terá renascimento*. Essa linguagem é determinística, então ela não funciona muito bem. Mas está bem. Carmicamente esse é o ponto. Até se diz: 'não toque no corpo'. Pois onde nós tocamos no corpo, o corpo sente. Aí tem um sinal. Cada parte do corpo que tocamos quando estamos vivos tem um estado emocional, um estado cognitivo diferente, ela conduz a alguma coisa. Se nós tocamos no corpo da pessoa que está morrendo, aquele lugar onde tocamos, dá um sinal para a mente da pessoa. Logo, conduzimos a pessoa para aquele lugar. Portanto, não é interessante. No budismo tibetano se diz: 'não toque no corpo'.

Aqui ele vai dizer que *a consciência deixa o corpo no ponto simbolicamente correspondente ao âmbito samsárico no qual terá renascimento*. Não há propriamente um determinismo nisso, porque, por exemplo, qualquer ser tem a capacidade de ter lucidez sobre qualquer dharma, sobre qualquer aparência. Se tocar no corpo, a pessoa pode ter a lucidez correspondente e não ser influenciada, mas quando a pessoa é tocada, sempre tem um tipo de experiência que acontece a partir disso, essa experiência se torna algo, ela é gerada de um ponto de Alaya Vijnana. Então, aquela região onde Alaya Vijnana corresponde à experiência se torna o primeiro lugar dentro da originação dependente, a partir do qual outras experiências ocorrem. Assim, há essa indicação de que esse lugar de onde a consciência

sai, ou seja, a última lembrança dela, a última experiência dela no corpo, é um lugar que vai conduzi-la para um reino específico. Há essa indicação, mas não é algo determinístico, porém a linguagem é toda determinística. Nós sempre precisamos voltar, pois a vacuidade é a experiência mais importante. Em todos esses ensinamentos nós sempre precisaríamos voltar aos cinco bardos, como Guru Rinpoche explica, à Mãe Darmata e aos Seis Selos. Esses são os ensinamentos que pautam e delimitam essas realidades que estamos descrevendo. Assim, a liberação sempre virá pelos Seis Selos, mas aqui ele descreve um pouco a liberdade e um pouco a prisão.

*Quando a consciência deixa o corpo, ela sai pela abertura correspondente à experiência.*

Aí o bardo seguinte, que é o bardo cármico do ressurgimento. Nesse ponto ocorre a separação entre a mente e o corpo. Essa noção é quase espírita. Aí tem uma coisa que abandona o corpo. Esta é a linguagem, mas o fato é que a mente e o corpo são inseparáveis, uma vez que as experiências de corpo pautam a mente. Mas onde está a mente? Ela está dentro do corpo? Com isso, nós voltamos para o Surangama [Sutra]. Essa noção de que a mente sai por um ponto e a consciência sai por um ponto é uma linguagem que não está completamente conectada com os ensinamentos mais elevados, mas essas são descrições para as pessoas que não têm os ensinamentos mais elevados. Essa linguagem vem desse modo.

Assim, *nesse ponto, ocorre a separação entre a mente e o corpo. Uma vez que a mente é agora independente do corpo.* O que está acontecendo? O corpo não está mais operando. Sendo assim, não tem nenhum sinal, não tem nada acontecendo. Então, a mente se torna livre, como por exemplo no estado de sonho. A mente é parcialmente livre. Isso significa que a mente, como está sempre viva, segue produzindo sinais e produzindo originação dependente. Mas esses sinais não vêm mais agora na conexão com o corpo. Por exemplo, quando estudamos a operação do corpo, contemplamos isso com o Kayagatasati Sutta, o Satipatana, o Anapanasati. Começamos a contemplar isso. Assim, nós vamos reconhecer que o corpo opera completamente inseparável da mente. Ou seja, aquilo que sentimos que é o corpo, quando paramos para olhar o corpo, é uma experiência da mente, não é uma experiência do corpo. Como eu dei aquele exemplo da mosca caminhando, no qual sentimos aquilo como uma coisa muito grande. Ou como um pernilongo procurando um lugar para nos picar. Aquilo parece muito grande. Não estamos mais em uma experiência de corpo, aquilo é uma coisa gigantesca. Se imaginarmos que tem um animal por perto, por exemplo, uma cobra ou um escorpião, a reação do corpo é exagerada. Aquilo não é uma sensação do corpo. Aquilo é a mente produzindo a experiência de corpo. No entanto, a mente não olha o corpo, ela olha a experiência que está acontecendo, que é a experiência de mente. Essas categorias são sempre assim. Tem um aspecto luminoso que aparece como objeto e nós olhamos esse objeto como um objeto separado, mas ele é a manifestação da mente. Aqui, o que significa *nesse ponto ocorre a separação entre a mente e o corpo*? Isso significa que aquilo que sentiríamos como corpo físico, não sentimos mais, e a mente está agora operando de uma forma livre.

Ele diz:

*Uma vez que a mente agora é independente do corpo, está sem suporte físico.*

O que significa suporte físico? É o aspecto grosseiro. Mas ele desapareceu, pois antes eu tinha olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Assim, temos uma ancoragem. Estamos aqui

com os olhos abertos e com os sentidos operando. Mesmo que tudo que eu esteja vendo, ouvindo, sentindo, etc., seja a própria mente, porque todas as experiências que eu tenho, elas são essencialmente categorias da mente. Mas elas estão inseparáveis, portanto, das mentes associadas a olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Assim sendo, se eu tenho uma sensibilidade do olho, essa mente opera e estimula associada aos olhos. Ou seja, eu tenho uma mente associada aos olhos, uma mente associada aos ouvidos, etc. Não é que eu fique pensando sobre o que eu vejo. A mente associada aos olhos opera dentro dos olhos produzindo o que eu estou vendo, que é uma categoria da mente. Aí a mente, que é a sexta consciência, vê essas categorias que brotam dos sentidos físicos e elabora a partir disso. Mas aqui, as mentes associadas aos cinco sentidos físicos param com a conexão com os órgãos, elas ficam livres dessa associação.

*O corpo material se foi, é apenas um corpo sutil composto de luz.*

A mente está sem suporte físico, ela não tem o suporte que vem das experiências dos sentidos físicos e que produzem os objetos. Assim, a mente passa a operar e dá essa sensação de que estamos vivos dentro de um corpo. Porém, aqui nós precisaríamos entender que a mente que atua nos sentidos físicos não morre. Os sentidos físicos interrompem, mas a mente associada a eles passa a ver, agora, as impressões de todo o sonho. Essa é a razão pela qual dentro de um instante começam a surgir as impressões que são semelhantes a sonhos, pois nos sonhos a mente associada a olhos, ouvidos, nariz, língua e tato está operando, mas não está operando os órgãos. Mas ela produz o aspecto onírico e a sensação de visão. E a mente, a sexta consciência, pega essas imagens e trabalha como se fosse tudo vivo.

*O corpo material grosseiro se foi, há apenas um corpo sutil, composto de luz.*

Tem olhos, ouvidos, nariz, língua e tato operando a partir do aspecto luminoso, que é parecido, quase idêntico, ao aspecto da vida. Por exemplo, quando eu vejo o templo, estou vendo uma categoria luminosa, quando vejo o poste, isso também é uma categoria luminosa. Essencialmente a luz que vemos, inclusive a luz do sol, na verdade é a luz da mente. Temos sentidos físicos que oferecem um referencial para que esta luz interna apareça, logo, tudo aquilo que conseguimos ver externamente, conseguimos ver internamente também. Porque, na verdade, mesmo quando estamos vivos e operando por um corpo, tudo que vemos são as categorias da própria mente.

*Esse corpo sutil carece das substâncias essenciais recebidas do pai e mãe e, consequentemente, a pessoa falecida não tem mais a percepção da luz do sol e da lua.*

Essa é uma forma bonita de dizer, porque uma vez que os sentidos físicos não estão operando, a pessoa não vê o sol e a lua, mas ela tem a luminosidade básica. Esse é um ponto interessante, porque ela não vê mais sombras. Tudo tem luz, no entanto, ela não vê a luz do sol e da lua.

*Entretanto, há um tipo de brilho luminescente, uma energia mental emitida pelo corpo de luz.*

Quando diz isso, ainda que seja completamente correto, isso induz para nós: 'vamos descobrir então o que é o corpo de luz'. E aí começa a ficar uma coisa complicada. 'Que brilho luminescente é esse? Como surge um brilho luminescente?' Ele está explicando a luminosidade da mente, que está aqui [*apontando o entorno*]. Se vocês quiserem saber o que é o brilho luminescente, está aqui [*mesmo gesto*].

*Há um brilho luminescente, uma energia mental emitida pelo corpo de luz. Isso cria na pessoa a impressão que é possível ver seu próprio caminho.*

Aqui o que seria a pessoa? Seria a sétima consciência, que está baseada na sexta consciência, na qual tem estes sentidos físicos, que agora não são sentidos, mas dão uma sensação de visão. A pessoa tem uma sensação de visão, a sexta consciência opera. Essa consciência associa a isso, e o mesmo carma anterior, onde a pessoa também achava que sabia para onde estava indo, ou seja, 'em vista disso, vamos para lá!' A pessoa tem a impressão que pode seguir o seu próprio caminho, ou seja, ela está operando carmicamente.

*Adicionalmente, todos os seres que estão vagueando no bardo do ressurgimento podem ver e ouvir uns aos outros.*

Naturalmente, quando a pessoa está no bardo do ressurgimento, ela vê seres ao redor, que são seres da própria mente dela. Ela está nesse nível sutil e ela pode ver e ouvir no sentido de que outros seres, que também têm a sétima consciência operando, estão gerando suas próprias manifestações e essas manifestações estão inseparáveis dentro da mente búdica, una. Eles surgem como manifestações de Alaya Vijnana, das marcas mentais. É como se surgissem influências para ir para cá ou para lá. Tem visões do que deveria ser. Que é exatamente como estamos fazendo já agora.

*Outro aspecto desse bardo é que tão pronto a consciência aspire estar em algum lugar, instantaneamente surgirá nesse exato lugar.*

Isso também é uma coisa que parece um sidi, mas é como nós aqui pensando: 'bom, agora quando terminar o Covid, eu vou pegar o carro e vou para o nordeste.' Aí nós já estamos vendo um futuro. Aí é fácil, a pessoa estala os dedos e as coisas acontecem. É muito simples, já nos vemos naquela situação futura. É muito fácil criar isso, não precisamos nem morrer, não tenham pressa. A gente tem uma onisciência, uma capacidade de ver o próprio caminho e ver os outros seres e a gente pensa em estar em um lugar e instantaneamente está naquele lugar.

*Os únicos lugares fechados [esse é o problema.. já estão fechados agora, que] são o ventre da sua futura mãe e Vajrasana, o lugar sagrado onde todos os budas atingem a iluminação.*

Por quê? Porque se a pessoa conseguisse ver Vajrasana, ela atingiria a iluminação. A pessoa só vê categorias condicionadas. A pessoa também não vê a consequência do seu carma, ela não consegue ver o ventre da mãe, que é um conjunto de carmas que vai impulsioná-la ao renascimento físico. Então ela não vê isso, porque ela não vê carmas. Se diz que Vajrasana é Bodhi Gaya. Todos os seres atingem a iluminação em Bodhi Gaya, isso

é Vajrasana. Mas Bodhi Gaya não é onde está a árvore. Bodhi Gaya é o lugar onde a mente está livre, a Mandala Primordial.

*A mente da pessoa falecida também possui certa clarividência, ainda que dotada das cores das perturbações cármicas. Ela sabe o que os outros estão pensando.*

A gente poderia dizer "ela pensa que sabe". Como nós também. A gente olha para cá, olha para lá: 'isso, aquilo, então isso, então aquilo'. Mas o que os outros estão pensando? Os outros não têm um pensamento, mas sim um fluxo confuso para todo o lado. Quando nós supomos: 'aquele lá pensa isso', ele pensa isso, mas já está pensando em outra coisa, daqui a pouco está sei lá onde. Então, quando a gente se fixa desse modo, a gente tem a sensação de que há isso ou aquilo. Isso seria uma clarividência, mas é uma clarividência dotada das cores cármicas.

*Uma pessoa que tenha morrido recentemente pode perceber como os outros estão usando as posses que ela acumulou ao longo do curso de sua vida. (É como se ela tivesse adivinhando na mente do outro o que ele vai fazer.) O que eles estão pensando e como eles estão fazendo as práticas de acumulação de méritos e dedicando para seu benefício. Os vivos não vêem os mortos, mas os mortos vêem os vivos.*

Tá certo que isso em parte é verdadeiro, mas em parte isso não é, porque os vivos podem ver as marcas mentais que correspondem aos mortos, do mesmo modo que a mente de quem não está operando com o corpo, mas tem ainda uma sétima consciência, também pode operar com a imagem, com a sensação de que vê os vivos.

*Os seres do bardo se agrupam e sofrem com as sensações de fome e sede, calor e frio.*

Então, esse é um ponto também. Como é essa fome e sede se não tem corpo? Qual é a comida que eles querem, se não podem comer? Isso são categorias mentais, eles estão flutuando, como num sonho. No meio do sonho podemos ter fome e sede. Os seres estão vagueando por dentro de Alaya Vijnana, dentro de impressões mentais, isso significa que o corpo nesse bardo do ressurgimento é um corpo totalmente de sonho.

*Eles experimentam um sofrimento intenso enquanto vagueiam no estado intermediário.*

Por quê? Porque é como um sonho à noite, podemos sonhar e sofrer, podemos ter pesadelos. Eles têm pesadelos, podem se sentir sufocados, torturados, cortados, mortos, abusados. Isso é a sétima e a sexta consciência passeando por dentro das impressões mentais que surgem como se fossem experiências dos sentidos físicos.

*Aqueles que de fato vagueiam no bardo são os que não fizeram os retiros, falharam em praticar muitas virtudes em suas vidas e ao mesmo tempo acumularam muito sofrimento. Os seres que cometeram muitas negatividades não experimentarão o bardo do ressurgimento.*

Por quê? Porque eles não chegam a ficar no bardo do ressurgimento. Uma vez que eles cometeram muitas negatividades, estão muito responsivos, estão fixados.

*Tão pronto eles morrem e fecham seus olhos, instantaneamente surgirão em reinos inferiores.*

Isso significa que o carma deles é tão intenso, tão agudo, que é como se estivessem morrendo com uma arma na mão, matando, enquanto eles morrem. As suas mentes ressurgem em um âmbito no qual eles seguem matando e morrendo. Nesse ponto, precisaríamos dizer: todos eles são budas, todos eles têm a natureza búdica intacta. Essas

consciências todas estão manifestando a natureza búdica, construindo as suas realidades e vivendo por dentro das realidades que constroem. São semelhantes às aranhas, aos tuco-tucos, às cobras, todos construindo as suas realidades e vivendo ali como se aquilo fosse o mundo mesmo, como se fosse tudo; com uma dificuldade de entenderem os outros seres que não atuam desse modo. Como, por exemplo, o tuco-tuco tá vivendo aquilo e não consegue ver os cachorros, os outros pássaros. Esses, por sua vez, também vivem no seu mundo. Quando veem os tuco-tucos, eles veem os tuco-tucos no seu mundo de cachorros, de pássaros, no seu mundo de predador. Aqui também está cheio de corujas à noite esperando os movimentos dos tuco-tucos. São predadoras esperando e não olham os tuco-tucos na sua vida, não pensam que os tuco-tuquinhos ficarão sem mãe. Eles olham o seu mundo dentro de suas perspectivas. Como os seres humanos que olham para as vacas como bifes e churrascos, mas eu acho que os seres humanos olham um pouco melhor, porque são capazes de atender o que os animais precisam até mesmo pra poder explorá-los melhor.

Mas aqui, esses seres que experimentaram muitas negatividades estão muito tensos, muito responsivos. Mas quem eles são? Eles são mentes búdicas com realidades construídas, operando dentro de referenciais estreitos. Eles podem fazer qualquer outra coisa, portanto, eles podem atingir a liberação daquilo também. Mas nesse momento, eles são como nós mesmos, que não estamos atingindo a liberação. Por quê?

*Tão pronto eles morrem e fecham seus olhos, espontaneamente surgirão nos reinos inferiores, por outro lado, aqueles que acumularam muitos méritos transferir-se-ão imediatamente para as terras puras.*

Vamos supor que os praticantes durante a vida, a cada lua cheia, fizeram voto de Terra Pura. Aí, quando a coisa complica, eles pensam: oh! Valha-me terra pura, eu reconheço todos os seres com a natureza búdica, tudo aqui é esse ambiente Vajra, que incrível! Aí eles reconhecem as Terras Puras.

*Em geral, uma vez que as pessoas como nós, nem são grandes pecadores, nem grandes santos, teremos que passar pela experiência do bardo do ressurgimento, e isso nada mais é do que sofrimento.*

Essa é uma visão quase espírita, a pessoa morre, mas tem a sétima consciência que segue, que acha que está sabendo, como sempre achou que estava sabendo, mas agora ela está num ambiente no qual ela não consegue reconhecer direito, pois tudo flutua, e a mente dela salta para lá e para cá, ela se encontra num ambiente psicótico que é super aflitivo. Essas consciências irão flutuar por dentro disso, a não ser que elas olhem imediatamente a categoria de terra pura e reconheçam que toda a experiência que aparece é inseparável da mente, é luminosa e apresenta a natureza última que é livre e permite o surgimento das aparências.

*Por outro lado, os mortos podem ser protegidos dos horrores do bardo e atingir a liberação, isso acontece, caso a pessoa tenha realizado muitas ações meritórias. (Ou seja, tenha feito prática) Tenha feito oferenda às Três Joias. Por exemplo, durante a vida, a pessoa construiu estupas, ela ofereceu recursos para a construção de templos, ajudou as pessoas que estavam em retiros, publicou textos, traduziu, financiou a expansão da sanga. Então, a pessoa tinha um funcionamento dentro do samsara. Mas, por exemplo, quando a pessoa está dentro do samsara e constrói uma estupa, esta não tem função dentro do samsara, pois não*

é uma coisa que ela faz para botar no seu currículo e encaminhar uma carta pra conseguir um emprego melhor. Sendo assim, dentro do samsara, construir uma estupa não funciona. Por outro lado, a pessoa ajudou nas construções dos templos, ajudou nos retiros, etc., e, mesmo que ela não tivesse uma compreensão do Dharma, ela foi capaz de interromper o samsara comum, abriu uma janela, na qual ela acha que tem uma coisa elevada em alguma direção e ela faz um gesto e dirige energia naquela direção. Assim, quando ela estiver dentro do bardo do vir a ser, ela estará nesse estado psicótico, mas ela já saberá como interromper aquele processo todo, e poderá abrir uma janela, e pensar em uma coisa elevada e colocar energia. Por isso, ela tem a possibilidade de sair, porque ela já aprendeu a abrir esse espaço.

O melhor é que a pessoa tenha feito muitas ações meritórias, que são sempre mal interpretadas dentro do samsara. Mas as ações compassivas não vêm ao caso. Por exemplo, estamos dentro de uma guerra como esta que vimos agora. Aí vai uma ambulância do estado judeu recolher os feridos que o próprio exército judeu explodiu, aí aquilo fica meio estranho. Ou vão os palestinos, rastejam e puxam o judeu, não para matá-lo, mas para socorrê-lo. Ou seja, eles não irão conseguir, pois em meio a uma guerra, querer falar de paz é ser alvo para morrer. Assim, se estamos no meio do samsara e vamos falar de qualquer coisa que não seja ganhar dinheiro, ficar mais rico, construir coisas maiores e ficar mais poderoso, o pessoal irá nos achar estranhos, os familiares irão nos internar, pois irão achar que estamos dilapidando o patrimônio da família, seremos interditados. Essas ações, todas elas, são ações descabidas dentro do samsara, mas é isso que estamos precisando, ou seja, quando estivermos dentro do samsara do pós-morte, precisaremos fazer coisas descabidas ali dentro também. Então a pessoa precisará fazer alguma coisa fora do bom senso, pois o bom senso não funcionará, ela terá que fazer outra coisa, e é isso que são as ações meritórias, a capacidade de olhar com outro olho.

*Tenha feito oferenda às Três Joias, tenha praticado caridade com os pobres.*

Nessa categoria de ações meritórias, todas as práticas estão incluídas. Tudo que fizemos de práticas, de meditações. Por exemplo, só ficar no Satipatthana, só isso já é uma coisa contra o samsara. Se tiver um pai de bom senso, dirá: "Meu filho, você está aí parado! Faça alguma coisa! Alguém vai ter que sustentar você, você está aí parado! Tem alguém trabalhando para dar comida para você, você está perdendo seu tempo! aprenda a ser alguém útil!" O samsara não considera nada disso como alguma coisa valiosa.

*E outros que têm construído as mandalas das deidades pacíficas e iradas e realizado ritual no qual tenha sido queimado um papel com o nome da pessoa falecida e se a iniciação tenha sido dada, conduzida a consciência da pessoa falecida a destinos mais elevados.*

Essa é uma prática simbólica: escreve o nome da pessoa em um papel, põe numa varinha e depois isso será queimado. Essa é uma forma de eliminar a ligação da pessoa com a própria identidade. Na perspectiva budista é como se os cristãos fizessem o contrário. Eles tentam perpetuar. Eles botam um túmulo, colocam uma cruz com as datas. É como se a consciência ficasse fixada aquilo, tu prendes a pessoa naquilo. Precisamos fazer o contrário, precisamos dissolver a conexão ilusória com aquela identidade.

*Esse conjunto de medidas é como se um grupo de pessoas corresse ao mesmo tempo para agarrar o outro, evitando que ele caia num precipício. Essa é a razão pela qual*

*se diz que devemos dedicar muitas ações positivas aos mortos. Durante os primeiros 21 dias após o evento da morte, os mortos têm os mesmos tipos de percepções que tiveram durante a vida.*

Por que 21 dias? Acho que é necessário criar alguma coisa, porque os dias são regidos pela luz do sol, mas nós não estamos mais vendo a luz do sol, então como é que ficam os dias? Estamos marcando os dias como? Mas tudo bem, eu não vou aqui me opor. Mas o que vai acontecer? No vigésimo primeiro dia, vai apagar tudo? Com certeza que não. O que acontece é que estamos em uma região de Alaya Vijnana e estamos operando. Só que tem uma mobilidade natural. Então, num final de um tempo, nós não estamos mais ali, estamos nos deslocando. A mente está tomando outros referenciais, aqueles referenciais usuais que respondiam justo por causa da operação dos cinco sentidos físicos não estão mais ali. Mas agora eu não tenho mais essa ancoragem, então as lembranças vêm e vão, e agora as lembranças vindo, começam a produzir outras elaborações que servem de base para a mente seguir. É assim: o namorado que sumiu por 21 dias, já sabe, vai dar problema, no final de 21 dias você se sente livre. Se alguém vier reclamar no 22º, vocês dizem: 21 dias é o prazo. Na linguagem comum do mundo a gente diz: a fila anda. Que fila? É a fila das impressões mentais, é isso que está acontecendo, aí tem outras impressões mentais e aquilo começa a andar.

*Durante os primeiros 21 dias após o evento da morte, os mortos têm os mesmos tipos de percepções que tiveram durante a vida, têm a sensação de possuírem o mesmo corpo e mente como antes e percebem os mesmos ambientes que experimentaram durante a vida. Após, eles começam a ter percepções relacionadas ao lugar para onde tomarão renascimento na próxima vida.*

Ou seja, os mortos vão se deslocando carmicamente, como nós fazemos durante a vida. Eu não estou mais morando na cidade de Rio Grande, onde vivi a minha infância e juventude, estou aqui no Bacupari e já estive em diferentes lugares. Então, essa mobilidade cada vez que a gente vai para algum lugar, aquilo corresponde a um renascimento. Já renasci em diferentes lugares e minha mente, agora, já não sei, daqui a pouco renasço em outro lugar. O que isso significa? Carmicamente, as condições internas e os referenciais vão se alterando, e a pessoa começa a pensar em uma outra coisa e daqui a pouco ela está em outro lugar, é isso. É como com vocês, cada um que está aqui por dentro da minha câmera e o pessoal que está aqui presencialmente comigo, cada um pensa alguma coisa, esse pensamento já é o bardo do renascimento, daqui um tempo, isso consolida e tem a transmigração correspondente.

*Após, eles começam a ter percepções relacionadas ao lugar para onde tomarão renascimento na próxima vida. Essa é a razão pela qual se diz que o período de 49 dias, particularmente as primeiras três semanas é extremamente importante. Durante esse período, se muitos méritos forem acumulados por outras pessoas em proveito do falecido.*

Ou seja, as pessoas que têm conexão no nível sutil serão lembradas. A posição de mente delas é vista pelo outro ser. Então a posição de mente, se ela se colocar simplesmente em meditação ou se colocar nas mandalas, ela influencia diretamente o outro, porque o outro vê essas posições de mente.



*Durante esse período, se muitos méritos forem acumulados por outras pessoas em proveito do falecido, se diz que mesmo se a pessoa em questão estiver se dirigindo aos reinos inferiores, a compaixão das Três Joias pode conduzi-la a um destino mais elevado. Após tal período, entretanto, seu carma a conduzirá para os reinos inferiores.*

É assim: por que o carma vai conduzir para os reinos inferiores? Porque as categorias são como se ela esquecesse aqueles seres, ela não os visse mais. Repentinamente, aquilo deixa de operar. Por exemplo, em uma certa idade, a pessoa não pensa mais o que o pai faria ou o que a mãe faria, mas tem uma idade em que a pessoa pensa que se fizer tal coisa, o pai o mata, isso será horrível, porque a pessoa tem aquilo bem vivo. Mas depois de um tempo, aquilo já não importa mais, então, é isso o que acontece.

*Após tal período, entretanto, seu carma* (a pessoa está olhando para o conjunto de referenciais que ela construiu, que se torna a base pela qual ela vai construindo as suas realidades. É o que acontece: a pessoa está no 10º elo e no 11º já está andando por conta própria) *a conduzirá para os reinos inferiores* (porque ela está indo por condicionamentos). *mesmo que a compaixão das Três Joias permaneça inalterada, ela não terá o poder de conduzi-la a um destino mais elevado até que o carma negativo seja exaurido.*

Então, quando o carma negativo está exaurido, a pessoa tentou aquilo e não deu certo. A pessoa viu que aquilo produziu sofrimento e não deu certo, então de repente ela recua e pensa: "Uau! Onde está o Buda?" Aí sim, ela se torna sensível para operar com a realidade. Isso significa que o carma negativo se exauriu.

*Esta, então, é uma explicação para a importância de acumular uma grande quantidade de mérito para proveito dos seres falecidos. (Ou seja, dedicar as práticas aos seres.) As pessoas que viveram ou vivem suas vidas ligadas ao Dharma e estejam acostumadas a fazer as práticas, reconhecem quando estão no bardo do ressurgimento e que morreram.*

Então, é como aqui, podemos perceber que sempre estamos de algum modo no bardo do ressurgimento. Estamos vagueando e sempre buscando alguma coisa.

*Elas compreendem onde estão, relembram seu professor e sua deidade yidam.* Aqui nós estamos no cemitério, de acordo com Guru Rinpoche. esse mundo que é como o cemitério, porque a nossa mente está confusa, é como se estivéssemos, mesmo vivos, no bardo do renascimento constante.

*As pessoas que viveram ou vivem suas vidas ligadas ao Dharma e estejam acostumadas a fazer as práticas, reconhecem quando estão no bardo do ressurgimento e que morreram. Elas compreendem onde estão, relembram seu professor e sua deidade yidam.*

Aqui tem uma coisa interessante, o professor é a própria deidade yidam. Isso, olhado assim, em um primeiro momento, não percebemos, porque parece que o professor é alguém, é um ser, mas quando a gente olha para alguém, como por exemplo, a Sua Santidade Dalai Lama, a gente não vê o Dalai Lama, a gente vê as categorias que somos capazes de ver, vemos na imagem do Dalai Lama os aspectos internos que estamos produzindo. Da mesma forma que estamos vendo esta sala aqui. Logo, é a mente vendo a mente. Quando nos damos

conta disso, a gente diz: quando eu vejo o Dalai Lama, me inspiro para fazer práticas, para praticar compaixão, etc. Ele empresta a imagem para que nós coloquemos o melhor que temos. Aí o melhor que temos surge como o Dalai Lama. Aquela imagem nos ajuda e com o tempo vamos purificando e reconhecemos o aspecto da inseparatividade. Reconhecemos que a própria luminosidade que cria a imagem é o aspecto primordial. Então, vamos juntando a deidade yidam com a expressão de Samantabhadra e Kuntuzangpo, que é o Buda Primordial. Por isso que ele é a deidade yidam. Porque ele nos inspira diretamente. Então, se tomarmos uma deidade yidam fabricada, ela não tem o mesmo poder, porque o mestre é a deidade yidam, mas ele é inseparável da própria pessoa. Ele, na verdade, é a voz interna com a lucidez maior que fala dentro de nós e que agora ganha algo como se fosse uma aparência externa. Então, nós já carregamos uma deidade yidam

*Os praticantes compreendem onde estão, relembram seu professor e sua deidade yidam e ao invocá-los concentradamente renascem nas terras puras de Sukhavati, Abirati, na Gloriosa Montanha Cor de Cobre. Para um lama realizado é também possível invocar a consciência do bardo para seu nome escrito em um papel (o nome do morto) e revelar a esta consciência o verdadeiro caminho.*

Aquele ser tem uma conexão com o nome. Aí quando o lama olha o nome, ele experimenta as categorias mentais que ele tinha associado à própria imagem da pessoa. Essas categorias mentais, essa posição de mente, ressoam como uma posição de mente do outro, e aí ele olha essa posição de mente e reconhece, faz o exercício de reconhecê-lo como sendo expressão da natureza búdica e ele dissolve o aspecto ilusório na luminosidade primordial. Desse modo, ao fazer essa operação, o outro vê, e isso aponta o caminho.

*Ao dar ensinamentos e iniciações, o lama pode mostrar a esses seres o caminho das terras puras do Budas.*

Que é como caminhar na frente. Não é um conjunto de palavras, é tomar aquilo e caminhar na frente, é fazer a transformação de consciência que o outro faria, ele faz na frente.

*Ou talvez levar a consciência do bardo a um novo renascimento humano. Tudo depende do carma, aspiração e devoção do falecido. De todos os bardos, o mais crucial é o bardo da vida presente. Por isso é agora, no bardo da vida presente, que precisamos agir e praticar corretamente de tal forma que não tenhamos no futuro que vaguear por outros bardos. A Sadhana do grande compassivo que é Chenrezig (o roteiro de prática de Chenrezig) é a verdadeira essência de todos os sutras e tantras.*

Os sutras são os aconselhamentos, as instruções, é como o Buda descreve as realidades; e os tantras são as instruções pelas quais nós olhamos para as aparências comuns e reconhecemos o aspecto primordial dentro delas.

*Esse ensinamento sobre Chenrezig é a verdadeira essência de todos os sutras e tantras. Guru Rinpoche destilou-a (ou seja, Guru Rinpoche apresentou-a) como um método pelo qual discípulos que tenham uma conexão com ela serão capazes de tomar renascimento na terra pura correspondente de Sukhavati. Subsequentemente, ele ocultou-a como terma.*

Ou seja, aquilo ficou escondido, que é como se naquele tempo esses ensinamentos não pudessem ser verdadeiramente úteis, sendo assim, ficou escondido como terma para um tempo futuro.

*E foi o vidyadhara Dudjom Lingpa que revelou este tesouro.*

Podemos dizer que Dudjom Lingpa é a própria mente de Guru Rinpoche.

Então, isso está escondido no espaço, e Dudjom Lingpa vê e apresenta.

*Nós podemos dizer que a suprema fonte originadora de todos os ensinamentos de todos os Budas é o Buda Samantabhadra (que é Kuntuzangpo, o Buda primordial, o espaço) ou Amitaba (que de fato são idênticos). Nunca agitando a pacífica amplidão de sua mente, o Buda Amitaba olha com compaixão incessante a todos os seres dos seis reinos.*

Então aqui é alguma coisa que precisaríamos parar um pouquinho e olhar. Será que dentro desse espaço livre onde há Khadag, Lundrup, Tsal, Lung, há compaixão? Ou a compaixão é fabricada? O que Dudjom Rinpoche está dizendo é que Amitaba é inseparável de Samantabhadra, o Buda primordial. Darmakaya, Khadag, Lundrup, Tsal, Lung, Rigpa e, junto com isso, compaixão. Sendo que compaixão é a própria manifestação de Amitaba. Ele manifesta a equanimidade e o equilíbrio meditativo como expressão de compaixão. Esse é o seu ensinamento, um ensinamento silencioso. Ele para e induz os outros seres a pararem. Se os outros seres param, a ilusão, o processo dinâmico de originação dependente se interrompe e aí a clareza das coisas aparece. Amitaba dá ensinamentos desse modo. Esse lugar parado é totalmente inseparável de Samantabhadra, o Buda primordial. É nesse sentido que Amitaba e Samantabhadra são inseparáveis. Mas Amitaba é uma emanção compassiva de Samantabhadra.

*Amitaba olha com compaixão incessante a todos os seres dos seis reinos, ele é chamado o Buda da luz infinita, da radiância do seu amor, surge Avalokitesvara, o grande compassivo.*

Por que surge Avalokitesvara? Avalokitesvara, o próprio nome diz: aquele que ouve os sons do mundo. Então Amitaba senta e irradia a luz infinita e a compaixão. Mas os seres estão super ocupados, operando a partir do aspecto da originação dependente. Então eles não conseguem interromper. Como estão no meio de um jogo, estão olhando a jogada, não estão olhando a luminosidade da mente que construiu o tabuleiro, que constrói a jogada. Amitaba está convidando a pessoa, mas ela segue jogando. Então Amitaba cria um jogador, no caso Chenrezig, e este senta na frente da pessoa. A pessoa perdeu, mas Chenrezig diz: isso não é nada, isso é tudo construído, não é nada. Surge Avalokitesvara, o grande compassivo, que irá agir no mundo de um jeito muito parecido com os seres, aí é que surgem os bodisatvas. Ele cria o caminho do bodisatva. A pessoa está no meio da confusão, mas ele vai mostrar: olha, por aqui tem problema. Ali, isso, aquilo. Vai estar todo mundo preso dentro de uma mecânica, que o Buda chamou de primeira nobre verdade. Aí a pessoa dá uma olhada, se ela entendeu mais ou menos a primeira nobre verdade, ela vai começar o caminho do bodisatva.

Aí, quando surgir bodicita, ela vai pensar em ajudar. Então começa a surgir generosidade, uma generosidade fora de propósito, porque o mundo não é generoso.

Generosidade - bodisatva de primeiro nível -, depois moralidade - segundo nível -, e assim vai indo. São as seis perfeições: generosidade, moralidade, paz, energia constante, concentração, sabedoria. Chenrezig cria o caminho do bodisatva, o caminho que irá resultar no buda iluminado.

*Ele é a corporificação da fala compassiva de todos os Budas.*

Aparece no mundo com a fala compassiva. Na presença de Amitaba, ele fez a promessa de não entrar na iluminação final - e permanecer com essa cara meio de bobo que anda por aí e por aqui falando aqui e ali, como um bodisatva, O que seria a iluminação? Ele abandona esse fluxo da originação dependente. Ele entende aquilo e segue operando, esse é o voto que ele tem com Amitaba. Enquanto o último ser não atingir a iluminação, Amitaba mantém a emanção para resolver aqueles problemas. Essa emanção vem no nível sutil. Ela surge como diferentes seres em todos os lados, manifestando compaixão num sentido grosseiro. A mente sutil se multiplica. Avalokitesvara surge como muitos diferentes seres e muitos diferentes mestres em diferentes lugares.

*Na presença de Amitaba ele fez a promessa de não entrar na iluminação final e permanecer como um bodisatva.*

Este é um ponto interessante. Quando os mestres se aproximam da morte, é frequente entre os tibetanos, os alunos pedirem para o mestre voltar. É um momento parecido com que o Buda pensou que talvez não tivesse que dar ensinamento nenhum. Aí os mestres disseram: "a minha parte eu já fiz, isso não sou eu. Isso é Chenrezig, eu não preciso vir de novo, não tem sentido manter essa sétima consciência focada nisso, e aí surgir um outro corpo a partir dessa continuidade, não precisa disso. Por quê? Porque Amitaba está produzindo compaixão e os seres compassivos aparecem, todos eles ilusórios, não precisa pegar um ser ilusório e perpetuá-lo. O Buda não voltou, então ele deu um mau exemplo? Como é que é? Buda podia ter voltado de novo dentro do reino e dizer: "agora isso é um grande reino e nós vamos fazer uma terra pura daqui", como um empreendedor. Mas ele não tinha essa mente de empreendimento.

O Buda se despediu: parinirvana. Tem sempre esse ponto, o mestre volta ou não volta? Mas aqui, Chenrezig fez a promessa de não entrar na iluminação final e permanecer como um bodisatva. Não tenham a menor dúvida, mesmo nos piores tempos de sofrimento, sempre aparecerão seres que são emanção de Chenrezig, que cuidarão das pessoas, protegerão as crianças e arrumar as coisas.

Agora já tem uma super energia para reconstruir Gaza, que foi toda destruída. Estão também reconstruindo partes que foram destruídas em Israel. Então aparece Chenrezig. Melhor que Chenrezig aparecesse e se mantivesse e não houvesse mais guerras, para a pessoa entender que aquilo é muito melhor. Mas os carmas seguem, porque foram feitas atrocidades e problemas. Então as pessoas se olham a partir das estruturas cármicas e se preparam para novos sofrimentos. Mas Chenrezig não desiste. Eu acho que as guerras não são bem relatadas porque elas precisariam ser acompanhadas através da descrição exata dos heróis que reconstruíram tudo. Pois nós vemos na Segunda Guerra Mundial uma destruição enorme, mas como foi o dia seguinte? Como eles deram leite para as crianças? Como eles cuidaram quem estava com frio? Como foi aquilo? Aí tem muito heroísmo, mas essa história não é contada, e não é contada, porque não está na mente, parece que o importante é realmente o choque e a destruição, isso parece ser relevante. E como as

pessoas sobreviveram e tiveram dignidade e foram capazes de funcionar no dia seguinte? Olhem agora os meios de comunicação, não tem muitas notícias mais sobre como que essa reconstrução vai acontecer. Tem uma ou outra notícia que irá desaparecer, não sabemos mais, pois isso não importa. Lembram de uma época em que havia notícias da Síria o tempo todo, enquanto eles estavam se matando? Agora não sabemos mais nada sobre o que está acontecendo. Só sabemos que não estão se matando, pois não há notícia. O que eles estão fazendo, como é a reconstrução, como estão fazendo tudo andar, não sabemos. Mas Chenrezig está lá, é o papel dele.

*Ele prometeu, em outras palavras, que seguiria ajudando os seres até que as últimas profundezas do samsara fossem sacudidas e esvaziadas de seres. (ou seja, até que a mente confusa desapareça) Naquele momento em diante, com grande compaixão, conduziu os seres aos três âmbitos de Sukhawati, a terra pura de Amitaba. Há a lenda de que houve um momento que ele pensou que tinha completado sua tarefa. (ou seja, ele foi consertando, consertando as coisas, consertou tudo e pensou: deu, está liberado!) Naquele instante, ele verificou que havia exatamente o mesmo número de seres, nem mais nem menos como havia antes. Então ele pensou: o Amitaba me enganou, me botou a trabalhar, eu arrumei tudo, mas está tudo igual, isso aqui é a mesma coisa que encher d'água um balde furado, não fica. Estou perdendo tempo.*

*Percebendo que os seres do samsara não haviam diminuído, ele deprimiu-se.*

Cherenzig deprimiu-se. Isso significa que essa lenda vem para nos tocar. Nós temos compaixão, sentimos isso e começamos a nos mover, mas como estamos trabalhando com a sétima e oitava consciência e estamos trabalhando com o samsara, temos expectativas, fazemos aquilo para produzirmos um resultado e queremos ver esse resultado. Temos uma dimensão de apego naquilo que fazemos, nossa ação busca uma compensação, busca um resultado. No entanto, se diz que o Bodisatva deveria considerar que a sua ação em si mesma já é o resultado que ele quer. Logo, ele não está buscando uma ação subsequente a sua ação, pois sua ação se completa enquanto resultado quando ela é feita e não pelo que vai produzir. Assim, o bodisatva não tem expectativa, ele encerra a sua ação tendo feito uma boa ação. É como pai e mãe: eu fiz o melhor que eu pude, agora eles têm a vida deles. Eles seguirão.

*Percebendo que os seres do samsara não haviam diminuído, ele deprimiu-se e refletiu consigo mesmo: nunca chegará o momento em que concluirei a tarefa de levar todos os seres para as terras puras.*

Essa é uma percepção interessante, uma percepção de realidade. Porque a mente búdica constrói mundos e pode seguir construindo mundos e irá construindo os reinos todos. O fato que os seres podem sair desse ambiente e extinguir a ilusão é semelhante ao fato de que as águas vão todas fluindo para o mar. Não existe um momento em que todos os rios fluem e encerra-se, porque sempre haverá uma nova água. Então, o bodisatva é aquele que fica empurrando a água do rio, botando pra dentro do mar. Se ele tiver apego, criará problema.

*...refletiu consigo mesmo: nunca chegará o momento em que concluirei a tarefa de levar todos os seres para as terras puras. Assim, seu voto de bodicita falhou. (se o dele*

falhou, estamos liberados) *Sua cabeça rompeu-se em onze pedaços e seu corpo dividiu-se em mil fragmentos.*

Acho essa parte muito comovente, ainda que seja simbólica, ela não é simbólica. Isso é o pesadelo dos bodisatvas. Ele está descrevendo o pesadelo, pois o bodisatva estará fazendo aquilo, aí ele pensa: isso é inútil, então, por que estou fazendo? Tem uma fala do Buda, quando ele se aproxima da morte, que diz: "Eu manifestei um corpo de sonho, pra benefício de seres de sonho, imersos em sofrimento de sonho. Eu não vim, eu não vou." Ele se dedicou com um corpo de sonho, que ele manifesta, para benefício de seres de sonho e sofrimentos de sonho. Esse é o encontro de Chenrezig com Manjusri . E Manjusri diz: "você, meu irmão, está perdido". Mas na verdade Chenrezig e Manjusri são o mesmo e eles são o próprio Buda.

*Assim o voto de Chenrezig falhou, sua cabeça rompeu-se em onze pedaços e seu corpo dividiu-se em mil fragmentos. Nesse exato momento Amitaba apareceu e disse: "filho da minha linhagem, você corrompeu seu voto de bodicita? Reassuma-o e esforce-se pelo benefício dos seres como no passado." Dizendo isso, ele abençoou a cabeça fraturada e os mil pedaços do seu corpo. Avalokitesvara levantou-se novamente, agora com onze cabeças, e mil braços e olhos (dentro de cada braço tem a mão correspondente e um olho dentro. Esses olhos todos são os olhos da visão lúcida dos mil Budas; "mil" significa infinitos) para trabalhar para benefício dos seres. Graças a sua aspiração iluminada, seus mil braços emanaram um milhar de reis Chakravartim e de seus mil olhos apareceram mil Budas deste kalpa afortunado. Kalpa afortunado porque Chenrezig está presente, tem ensinamentos, os Budas vêm. Agora, por exemplo, pode ocorrer outro período onde não há Budas nem ensinamentos.*

*Todos esses mil Budas se manifestarão inteiramente devido à compaixão de Avalokitesvara.*

Isso é o final do ensinamento, então, eu acho super profundo, esse é um tantra, porque ele revela o aspecto primordial junto com essa linguagem, é um ensinamento super especial.